



A Monitoria no Ensino Superior de História: Desafios e Avanços

Carlos André Macedo Cavalcanti

Professor de História Moderna e de História das Corporações da UFPB. Doutor em História pela UFPE

Edson Peixoto de Vasconcellos Neto

Aluno do Curso de História da UFPB. Monitor da Área de História Moderna e Contemporânea

Resumo: O Ensino Superior vive uma época de transformações que pode ser muito favorável a novas posturas e propostas. Neste quadro, a monitoria é um desafio típico do momento que o setor atravessa. A singularidade do tema que abordamos aqui está no papel do Programa de Monitoria no aprimoramento da aprendizagem discente na licenciatura em História da UFPB. O estabelecimento de procedimentos didático-pedagógicos adequados ao perfil da clientela deste Curso é a base da nossa conduta. O conteúdo que o aluno deveria já conhecer - trazido do Ensino Médio - é, em média, bastante deficitário e limitado. Nos últimos três semestres, porém, uma nova experiência tem amadurecido e democratizado o debate do problema, encontrando soluções que permitiram aprimorar parte do cotidiano das aulas no sentido de buscar um equilíbrio entre o conteúdo a ser apresentado e a demanda por conhecimento que deveria ter sido adquirido antes. Esta nova prática didática veio após a adoção de um arrojado Projeto de Monitoria.

Palavras-chave: ensino superior; monitoria; licenciatura; História.

INTRODUÇÃO

O Ensino Superior vive uma época de transformações que pode ser muito favorável a novas posturas e propostas. Neste quadro, a monitoria é um desafio típico do momento que o setor atravessa. A

singularidade do tema que abordamos aqui está no papel do Programa de Monitoria no aprimoramento da aprendizagem discente na licenciatura em História da UFPB. O estabelecimento de procedimentos didático-pedagógicos adequados ao perfil da clientela deste Curso é a base da nossa conduta. O conteúdo que o

aluno deveria já conhecer - trazido do Ensino Médio - é, em média, bastante deficitário e limitado. Alunos de outras licenciaturas que estiveram em disciplinas que ministramos apresentaram a mesma dificuldade. Isto torna a aula universitária, originalmente repleta de conteúdos conceituais típicos da vida acadêmica - um misto de apresentação dos temas conceituais presentes na bibliografia adotada no Programa com narrativas históricas factuais que o estudante já deveria conhecer dos bancos escolares que antecederam seu ingresso na Universidade. Nos últimos três semestres, porém, uma nova experiência tem amadurecido e democratizado o debate do problema, encontrando soluções que permitiram aprimorar parte do cotidiano das aulas no sentido de buscar um equilíbrio entre o conteúdo a ser apresentado e a demanda por conhecimento que deveria ter sido adquirido antes. Esta nova prática didática veio após a adoção de um arrojado Projeto de Monitoria.

Nos recessos escolares os monitores de História Moderna participam de Seminário da Monitoria promovido pelo professor orientador. O texto que segue resulta dos debates de um destes Seminários e dos relatórios escritos para ela.

Normalmente, o graduando de História chega às disciplinas História Moderna I e II em meados do tempo total do seu Curso. Trata-se de um dos conteúdos tidos como centrais na concepção atual dos cursos universitários de História. Quatro disciplinas estão marcadas pela tradicional periodização cronológica da História. Outras cadeiras da graduação não são obrigadas a seguir com tanta rigidez o ditame da "linha do tempo". As quatro disciplinas duras representam as "Idades do Mundo": Antiga, Média, Moderna e Contemporânea. Esta velha periodização ainda é a espinha dorsal dos nossos cursos. E é também esta a base do aprendizado dos nossos estudantes em todos os níveis do ensino de História no País: Fundamental, Médio e Superior. Uma mesma base curricular, diga-se de passagem, norteou a área desde o início dos anos

sessenta (1962) até 2003!?! Somente após a aplicação do primeiro "provão"¹ do MEC é que houve forte reação de profissionais da História, pois a prova tinha sido elaborada tendo como base o chamado Currículo Mínimo, que já contava com longos 40 anos de existência. Aquele episódio de reação levou à revogação do Currículo Mínimo e à adoção das atuais Diretrizes, que são um conjunto de princípios norteadores para que as faculdades montem, com relativa liberdade, suas propostas curriculares. Pesa, porém, ainda, a força da tradição. Esta persistência exagerada e inercial do modelo é um desafio para quem quer introduzir novos conteúdos, impostos pela evolução científica e pelas novidades da historiografia, além de novas técnicas didáticas trazidas para a atualização do cotidiano escolar da clientela de nossas licenciaturas.

Buscamos o relato da experiência inovadora de três semestres de aplicação do Programa de Monitoria da UFPB nas cadeiras de História Moderna I e II. Nosso texto se divide em três partes: (1) Orientação, Planejamento e Supervisão; (2) Os Desafios do Monitor no Dia-a-Dia da Disciplina e (3) A Iniciação à Docência como Prática de Monitoria.

ORIENTAÇÃO, DIRETRIZES E SUPERVISÃO

Pelo caráter do trabalho, iniciamos com um planejamento para as disciplinas História Moderna I e II, durante a vigência do Projeto de Monitoria 2003. O mesmo procedimento se repetiu na continuação do projeto na Monitoria 2004. Foram selecionados e fazem parte do Projeto de Monitoria em História Moderna alguns dos melhores alunos do Curso em termos de rendimento escolar, transformando esse estágio num trabalho de grande aprendizado e de bons frutos. Contamos atualmente com uma equipe constituída por 5 integrantes. Este grupo foi dividido em duas equipes: uma se encarrega de História Moderna I e outra se

¹ Naquele primeiro "provão" a Graduação em História da UFPB obteve conceito "A". Tal conceito coloca nosso Curso como o 10º melhor do País (!), segundo estatística publicada pela Revista Veja.

encarrega de História Moderna II. Os dois grupos de trabalho articulam-se em sintonia, já que temos reuniões freqüentes nas quais discutimos as práticas docentes e discentes, além dos problemas e soluções nas disciplinas. Nestas reuniões fazemos as modificações necessárias para o bom funcionamento do ensino.

Foram em reuniões como essas que fizemos todo o planejamento das disciplinas duas de História Moderna. Partimos da inserção dos monitores no cotidiano da disciplina. Partilhamos então, de todos os momentos que antecederam a sala de aula, ou, em outras palavras, todos fazem parte daquilo que é chamado tão comumente de planejamento de curso. Este grupo, orientado pelo docente, planejou as escolhas bibliográficas que seriam utilizadas, as formas de avaliação, o conteúdo dado, e, sobretudo, como poderíamos direcionar tudo isso para que o aluno pudesse responder de maneira precisa aos objetivos, conseguindo assimilar aquilo que estava elaborado nos princípios didático-pedagógicos do curso.

Os objetivos didático-pedagógicos foram separados em três, que delimitavam os nossos anseios enquanto participantes de uma equipe que percebeu, nas reuniões, alguns pontos falhos no ensino em geral da Universidade e, sobretudo, no curso de História.

1º) O primeiro objetivo daria conta da dificuldade que encontramos no aluno de graduação, em fazê-lo ler uma quantidade mínima de textos ou livros nas disciplinas. Este problema é enfrentado no curso de História Moderna com certa intensidade, mas também em outros cursos onde a carga de leitura tem que ser elevada. Para isso, estabelecemos uma organização bibliográfica que fosse mais leve e variada, onde encontrássemos assuntos da disciplina em textos mais curtos, não sobrecarregando os alunos, nem perdendo a densidade e o aprofundamento das discussões e dos debates em sala. Esta primeira sistemática de estudo foi resumida na seguinte frase nas anotações do plano de trabalho como objetivo assim designado: "os alunos devem ler mais".

2º) Um segundo objetivo ficou caracterizado nesta idéia-força: "incentivar os alunos a escreverem mais". Essa dificuldade demandou cuidados pontuais no dia-a-dia do curso. Foi estabelecido um conjunto de exercícios que seriam feitos em sala de aula com o intuito de incentivar a escrita dos alunos. Iniciou-se uma série de oficinas de textos, resenhas, resumos de apresentações, além das tradicionais provas escritas. Todas estas atividades foram feitas em sala e com orientação da equipe de monitores e do professor da disciplina. Com essa sistemática, buscamos os alunos tiveram mais oportunidades para exercitar a escrita em variadas modalidades de trabalho, mostrando que não só a prova tradicional avalia. Também queríamos colocar o discente em contato com formas variadas de se abordar um tema em História Moderna, utilizando mecanismos de pesquisa e leitura diferenciados para o cotidiano universitário deles. No semestre atual (2004.1) estamos adotando pesquisa de campo no tema Cultura Popular presente no Programa de História Moderna I. Os alunos entrevistarão artistas populares dentro da temática Cultura Erudita x Cultura Popular.

3º) Como terceiro objetivo, tentamos diminuir a defasagem que encontramos nas discussões e debates de textos em sala, estimulando os alunos a discutirem e exporem suas próprias idéias na disciplina. Este objetivo decorre da constatação de uma inibição que pode resultar da própria cultura educacional acadêmica. Para isso, lançamos mão de momentos programados de descontração em todas as aulas, onde os alunos pudessem expor suas opiniões sobre os assuntos em questão, abrindo para debates onde todos poderiam se manifestar. Vale salientar que esses momentos de interação em sala transcorriam com a mediação do professor da disciplina, tirando dúvidas e tentando explicar as questões que tivessem sido entendidas a contento. Essa terceira e última sistemática foi resumida na seguinte idéia-força nos objetivos didático-pedagógicos: "os alunos podem/devem interagir mais".

RESGATANDO A VOCAÇÃO DO PROGRAMA DE MONITORIA

Mesmo que a estrutura básica regular construída para a disciplinada funcione a contento, como sempre tem ocorrido, a dinâmica inerente ao ensino leva a modificações sempre no cotidiano escolar. Por meio de reuniões quinzenais, avaliamos continuamente o desempenho das turmas, escutando cada membro da equipe de monitores e fazendo correções quando necessário². Estes encontros servem para o amadurecimento da equipe. Foi neles que readequamos algumas vezes o nosso Programa de Curso, avaliamos as demandas dos alunos das disciplinas (diminuindo a quantidade de textos para leitura obrigatória) ou mesmo mudamos certas atividades para moldar o programa ao calendário letivo, por exemplo.

Para além de adequações programáticas e pequenas modificações de conteúdo no dia-a-dia da disciplina, realizamos atividade outra que redimensiona o alcance da monitoria. Trata-se do acompanhamento contínuo do aluno, muito relevante para as disciplinas. Os monitores participam das aulas fazendo comentários, acrescentando observações, fazendo parte da disciplina através dos debates e ilações colocadas por todos. O acompanhamento direto dos alunos, sobretudo para seminários e oficinas de texto, demanda cuidados e atenção às expectativas dos estudantes. Há uma forte atuação extra e intraclasse. Essas atividades são momentos de maior aprofundamento na disciplina: o aluno necessita de uma orientação mais detida nos assuntos a que se propõe ou deve trabalhar.

Os monitores fazem pequenas participações em aula e acompanham os alunos nos seminários e oficinas de texto, podendo exercer suas aspirações docentes, objetivo maior dos programas de monitoria, mas que é tantas vezes secundarizado por outros que confundem monitoria com programas de pesquisa ou extensão. Em apresentações feitas em sala às turmas da disciplina os monitores são avaliados pelo docente orientador e

recebem orientações de aprimoramento técnico de suas habilidades para o ensino.

Há uma variável subjetiva que deve ser levada em conta na adoção de Programa de Monitoria: poder contar com a experiência de monitores, que quase sempre convivem no cotidiano ao lado dos alunos (seus colegas de turma em outras disciplinas, às vezes), significa uma ponte direta com a mentalidade do discente. Se aproveitada de forma objetiva e ética, esta dimensão, casualmente agregada, pode trazer ao professor da disciplina uma ótica diferenciada dos desafios que fazem parte do ensino. O contato do professor com o monitor ajuda significativamente na percepção de aspectos que, de certa forma, podem fugir à visão do docente na relação com os estudantes, posto que se coloca tendencialmente o aspecto de autoridade inerente à atividade docente. A natureza da relação professor-aluno em uma Instituição de Ensino Superior no sistema seriado facilita um certo corte de visão que pode se transformar em ilusão de ótica. Com a Monitoria, o professor tem acesso a questões didáticas que estão sendo observadas por membros do alunado imersos na cultura equivocada do distanciamento docente, tão comum ao ensino. Os alunos, em geral, sabem das potencialidades, dos interesses, e da capacidade suas, dos seus colegas e dos seus professores.

A INICIAÇÃO À DOCÊNCIA COMO PRÁTICA DE MONITORIA

Teoricamente, a principal iniciativas das universidades em prol do treinamento prática à docência é a Monitoria. Ela não retira o papel que a Prática de Ensino possui nos quadros curriculares dos cursos de Licenciatura, mas coloca a Monitoria como um estágio muito ampliado, que põe no caminho da profissionalização os alunos que estão incluídos nesse tipo de programa. Além disso, para alunos de

² A equipe que compõe o projeto de monitoria em história moderna é constituída pelos seguintes monitores: em História Moderna I está Moisés Costa e em História Moderna II estão Edson Peixoto, Daniel Soares e Mayrinne Meira.

graduações que não possuem programas de licenciatura, a Monitoria é a única experiência provável que possivelmente ele terá se quiser se dedicar à docência. A Iniciação à Docência coloca o Monitor defronte de problemas muito práticos do dia-a-dia da profissão. E isto ocorre, para os monitores, ainda com o Curso em andamento: cerca de metade dos créditos a serem pagos. De certa maneira, logo cedo, portanto. Vale lembrar aqui que as Práticas de Ensino só são cursadas, em geral, no final dos cursos de Licenciatura. Muitos professores, até universitários, não possuem a competência técnica didática necessária para sê-lo em virtude de não se exigir, quando do seu ingresso na escola ou na academia, a formação em licenciatura ou, no mínimo, a comprovação de conhecimento didático-pedagógico totalmente consolidado pertinente à função. A docência deve ser profissional e já não deveria dar espaço para amadorismos e idiosincrasias. Muitos docentes desenvolveram por esforço próprio as técnicas necessárias para o ensino, mas as instituições e empresas do setor de educação não costumam exigir diretamente dele esta competência. Ultimamente, há avanços neste sentido, mas ainda muito tímidos.

No trabalho conjunto do professor e dos monitores, pudemos empreender em História Moderna I e II na UFPB, um planejamento estratégico que beneficia não só aos monitores, com uma qualificação profissional valiosa para o futuro deles, mas também a atividade docente, que agrega outro instrumento à condução das disciplinas ministradas. Mas é sobretudo o aluno, nosso público cliente, que recebe as iniciativas e nos dá as respostas necessárias para que o trabalho possa ser aprimorado a cada dia. A Iniciação à Docência poderia ser oficialmente uma ação estratégica das IES não só pelo envolvimento do grupo de alunos monitores que trabalha com um professor em sala de aula, mas por todo um processo que englobasse uma prática docente no ensino: as práticas didáticas; o envolvimento com os alunos; os seminários de orientação; a elaboração, enfim, de uma metodologia

própria para cada clientela de graduação que conseguisse alcançar os objetivos formulados para as disciplinas. A prática de Iniciação à Docência remete a um dos programas acadêmicos de relevância, que coloca o aluno num tipo específico de experiência na Universidade: desenvolve sua capacidade crítica institucional e permite a ele diferenciar a qualidade das diversas práticas didáticas que encontrará em sua carreira.

A experiência tida na nossa monitoria pôde ser observada nos trabalhos que apresentamos no último Encontro de Iniciação à Docência promovido anualmente pela Universidade Federal da Paraíba. Nesse encontro são expostos e publicados os trabalhos feitos nos Programas de Monitoria de toda a Universidade. A receptividade de avaliadores, colegas e do público visitante nos indica a continuidade do trajeto já iniciado.

CONSTRUINDO A AÇÃO DOCENTE

Nosso primeiro passo na afirmação da estratégia de uma Monitoria como Iniciação à Docência strictu sensu foi a definição das linhas temáticas gerais que titulam os dois programas. Em História Moderna I a linha temática é: Ética, Política e Cultura do Ocidente Moderno. E na História Moderna II: Os Paradigmas do Ocidente Moderno. Os programas são divididos em partes sequenciais agrupadas em unidades. Tendo em vista os pressupostos de atuação elencados acima, dois conjuntos de objetivos norteiam o trabalho.

Objetivos didático-pedagógicos: o falar e o escrever

- a) desenvolver gosto e hábito de leituras acadêmicas e para-acadêmicas no corpo discente;
- b) estimular e permitir a participação dos alunos nos debates e nas Oficinas de Texto; e
- c) consolidar a técnica de redação de trabalhos

acadêmicos com texto próprio de cada aluno em sala de aula.

Objetivos de conteúdo: conceituar e associar

- a) conceituar a História Moderna em seus pilares centrais;
- b) apresentar conteúdos programáticos distintos com sentido associativo de conjunto, demonstrando a polivalência de instâncias determinantes na História (religião, cultura, política, ciência, economia, vida cotidiana, pensamento filosófico, etc.);
- c) demonstrar a importância do período para o pensamento científico, inclusive da História enquanto Ciência; e
- d) fazer paralelos com o mundo contemporâneo do aluno, de modo a que este perceba a atualidade do estudo da História Moderna.

Os conteúdos programáticos são tematicamente agrupados, evitando a exclusividade da cronologia como fio condutor dos conteúdos. Na História Moderna I, que segue como exemplo, as Unidades e Partes aparecem assim constituídas:

UNIDADE I: Renascimento e Reforma

I - Renascimento Cultural e Vida Cotidiana na Era do Medo: dois enfoques

- a) Maquiavel e a Política como Natureza; e
- b) Ocidente Obsidional: O Medo Identitário.

TEXTOS:

Machiavelli, Nicolo. **O Príncipe**. São Paulo: Ediouro, 1983.

Delumeau, Jean. **História do Medo no Ocidente**. São

Paulo: Cia. das Letras, 1997. Págs.: 41 a 83; 107 a 112; 278 a 367.

DEBATE: Medo, Política e Renascimento.

II - A Ascese da Reforma na Gênese do Capitalismo

- a) o Tipo Ideal de Capitalista Ascético e a Ética no Capitalismo Moderno;
- b) a Diversidade da Reforma: Seitas e Denominações Protestantes;
- c) Estudo Comparativo: O Conceito de Acumulação Primitiva de Marx; e
- d) A Contra-Reforma.

TEXTOS:

Weber, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2002;

Marx, Karl. **A Acumulação Primitiva de Capital**. Rio: Globo, 1983.

Vainfas, Ronaldo. **Trópico dos Pecados**. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1989, pp. 7-16.

DEBATE COMPARATIVO E ANALÍTICO: A(s) Reforma(s).

UNIDADE II: Cultura e Intolerância

III - A Inquisição Moderna

- a) os Tribunais Modernos, Os Estados Nacionais e a Igreja Católica; e
- b) inquisições: O Processo Judicial e os Inquisidores.

TEXTO:

Bethencourt, Francisco. **História das Inquisições**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. Págs.: 219 a 289.

IV - Cultura Popular na Idade Moderna

- a) A Criação do Conflito Popular versus Erudito; e
- b) Cultura Popular e Religião: A Reforma da Cultura.

TEXTOS:

Burke, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. pp. 231-265.

Bakhtin, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento - O Contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec, 1987, pp. 1-50.

DEBATE: Cultura e Intolerância na História

UNIDADE III: Política e Ciência**V - A Revolução Inglesa e o Absolutismo**

- a) conceituando o Absolutismo;
- b) as Lutas da Nobreza e a Representatividade da Monarquia; e
- c) Parlamento e Poder Real;

TEXTO:

Hill, Christopher. **A Revolução Inglesa de 1640**. Lisboa: Editorial Presença, 1977.

VI - Empirismo e Ciência Moderna

- a) os Homens de Ciência: A Fé no Conhecimento do Mundo; e
- b) a Especialização dos Saberes Científicos.

TEXTO:

Ronan, Colin A. . **História Ilustrada da Ciência - Da Renascença à Revolução Científica**. S. Paulo: Círculo do Livro, 1987, pp. 7-40 e 57-72.

DEBATE: Ciência e Poder na Idade Moderna

O desafio essencial está em relacionar os parâmetros didaticamente escolhidos e os conteúdos

programáticos. Para finalizar este artigo, em lugar da tradicional conclusão propomos uma reflexão sobre o desafio prático do ensino universitário. Trata-se de compreendê-lo dentro do quadro geral da Educação no país. As práticas do Ensino Superior precisam refletir a trajetória anterior do aluno. Se uma das grandes deficiências das IES é o seu fechamento ensimesmado, a ação docente deve romper esta atitude umbilical através do reconhecimento do perfil discente de cada graduação ou pós-graduação. Um bom começo é a democratização racional do ambiente e das condutas, sem "populismos". No programa acima há duas atividades de adoção simples que trazem bons resultados: (1) a indicação normativa no início do curso dos textos a serem lidos pelos alunos e (2) a adoção de debates temáticos gerais ao final de cada Unidade. Se somarmos estas ações simples com uma conduta ética do docente, o ensino já ganhará um vetor ascendente de qualidade. Porém, se, além disso, o professor aceitar a interação proporcionada por uma Programa de Monitoria aplicado nos moldes que já relatamos neste artigo, uma simples disciplina poderá ser o paradigma profissionalizante de alunos e monitores, além de ter potencial para reciclar certos colegas que estão ou abatidos com a crônica crise universitária ou descomprometidos com o trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Buarque, Cristovam. **A Aventura da Universidade**. São Paulo: Paz e Terra & Unesp, 2001.

Lopes, Adão. **Avaliação Institucional e o Ensino Superior**. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 2003.

Moreira; Daniel A. **Didática do Ensino Superior**. São Paulo: Thomson Pioneira, 2004.

Pimenta, Selma Garrido. **Docência do Ensino Superior**. São Paulo: Cortez, 2002.

Martins, Carlos Benedito (org.). **Ensino Superior Brasileiro: Transformações e Perspectivas**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2003.

Saviani, Dermeval. **Ensino Público e algumas falas sobre Universidade**. São Paulo: Cortez, 1998.

Teixeira, Anísio. **Educação e Universidade**. Rio de Janeiro: UFRJ Editora. 1999.

Zabalza, Miguel A. **O Ensino Universitário: Seu Cenário e Seus Protagonistas**. São Paulo: Artmed, 2004.